



Vanda Marques

É previsível termos um aumento dos casos. Mas os especialistas reforçam que a alta taxa de vacinação da população portuguesa e o início da vacinação dos jovens, acima dos 12 anos, terá um impacto positivo. A não ser que surja uma variante nova.

Somos um exemplo no que toca à vacinação, mas é com um otimismo cauteloso que os especialistas avaliam os próximos meses. O ensino digital está posto de parte, mas é expectável que o número de casos de covid-19 aumente no nosso país com o regresso às aulas.

Quanto ao que o último trimestre de 2021 nos reserva. Ainda algumas incertezas. Os especialistas reforçam que não é possível prever como o vírus vai evoluir e se surgirá alguma variante capaz de "escapar" à proteção da vacina. Como defende o médico João Júlio Cerqueira, os próximos meses serão "a verdadeira prova de fogo da vacina. Se tudo correr dentro do esperado, é possível que haja um aumento tolerável do número de casos de covid-19, sem necessidade de tomar grandes medidas adicionais. Mas é possível, dadas as incógnitas existentes, que seja surpreendido." O matemático Henrique Oliveira concorda. "É difícil prever exatamente devido ao efeito ainda não estudado da duração do efeito da vacinação. Mas a nossa previsão é de decaimento lento no mês de setembro e tudo dependerá de novas variantes e de uma terceira toma no caso dos mais idosos para se poder prever o que vai acontecer em termos de mortes diárias."

### **Vamos ter nova onda da pandemia?**

Os especialistas acham que é pouco provável. Contudo, têm cautela no que toca a discursos otimistas. O professor do Instituto Superior Técnico, Henrique Oliveira, defende que poderemos ter uma nova onda "mas de forma muito moderada". E acrescenta: "Com a vacinação haverá sempre tendência, nesta fase ainda de tempo quente, de termos casos nos mais jovens ainda não vacinados que se podem transmitir aos mais velhos. A situação será mais complexa no pico do inverno, e não há ainda muitos dados, para se entender qual o real período de proteção dado pelas diferentes vacinas. O mito do limiar da imunidade de

grupo não será alcançado e isso significa que teremos sempre vírus em circulação nos anos que se seguem. Teremos de controlar os danos de forma a manter a sociedade a funcionar. O covid-19 é uma doença grave mas muito menos grave do que já foi sem a vacinação."

Lúcio Meneses de Almeida, médico de Saúde Pública, acredita que as escolas não irão causar uma nova vaga, mas que teremos uma "aceleração da atividade epidémica." O motivo é simples: "É uma doença de transmissão interpessoal, e sempre que há oportunidades de contacto entre pessoas em espaços fechados, há um aumento de transmissão."

Carlos Manuel Correia Antunes, matemático e professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, concorda. Mas deixa um alerta: "Existem ainda algumas incertezas, nomeadamente, quanto à verdadeira efetividade vacinal contra infeção." O especialista explica à **SÁBADO** os desafios que nos esperam: "As únicas faixas etárias onde ainda se vê uma dinâmica de aumento de casos é nas faixas não ou menos vacinadas (0 aos 29 anos). Neste momento temos as faixas dos 10-19 e 20-29, principalmente nas regiões do Norte e do Centro com taxas diárias de aumento de casos. E até recentemente, também no Algarve essas faixas estavam a aumentar o número de casos, estando agora em decréscimo. São essas faixas e essas regiões que estão a impedir a franca diminuição do número de casos diários." E avança que com "a conclusão da vacinação completa na faixa etária dos 20-29 e 30-39 (agora com 55% e 74% de cobertura vacinal, respetivamente) e depois com a faixa dos 12-19 anos que poderá atingir os 80% de vacinação completa no início do mês de outubro, atirando a cobertura vacinal completa e global para os 80-85%, muito dificilmente teremos uma nova onda."

O médico João Júlio Cerqueira defende que não há ainda grandes certezas do que poderá acontecer. Porquê? "Dada a grande taxa de vacinação existente na população geral e ao facto da maioria das crianças não apresentarem sintomas para a covid-19. Esse risco existe, mas estou esperançoso que este ano letivo vai ser bem menos atribulado que o ano anterior, a não ser que surjam novas variantes que nos surpreendam pelo efeito de escape à vacina ou mesmo a infeções prévias."

### **Abrem as escolas, aumentam os casos?**

Se ao que tudo indica não teremos uma nova vaga – sobretudo como o que aconteceu em 2020, quando não havia vacinas – é provável termos um aumento de casos de covid-19. Alguns especialistas dizem que será um ligeiro aumento. "É expectável que haja algum aumento do número de infeções nessa faixa etária, mas não me parece que vá ser tão relevante como no passado. Isto vai dever-se sobretudo ao maior contacto das crianças com os colegas de escola, à partilha de espaços fechados entre outro tipo de atividades que aumentam o número de contactos das crianças", diz à **SÁBADO** João Júlio Cerqueira. O matemático Henrique Oliveira reforça que, apesar de haver mais contactos entre as pessoas nos transportes públicos, escolas, eventos culturais, "a vacinação contraria essa tendência."

Já Carlos Antunes é mais otimista e diz que em princípio não teremos um aumento de casos e sublinha que Portugal é um exemplo do impacto da vacinação no controlo da

epidemia. A única ressalva são as faixas que se encontram em crescimento são dos 10-19 e 20-29 apenas nas regiões do Norte e Centro. "A vacinação está, de alguma forma, a conter a incidência, impedindo o seu aumento. É notório o impacto da vacinação no controlo e mitigação da incidência nas faixas etárias acima dos 50 anos onde já temos coberturas vacinais completas acima dos 90% da respetiva população."

Não podemos é esquecer que as crianças são grandes transmissores de infeções. "Os números irão subir com o regresso às aulas. As crianças têm uma carga viral elevada e não é credível achar que vão usar sempre a máscara como deve ser, por exemplo", explica à **SÁBADO** Jaime Nina, infeciologista do Hospital Egas Moniz e professor na Universidade Nova de Lisboa, no Instituto de Higiene e Medicina Tropical e da Faculdade de Ciências Médicas.

Este aumento de casos, devido ao início do ano letivo, já se reflete no Reino Unido. Aliás, o que se passa no país pode dar algumas pistas sobre como será o regresso às aulas em Portugal. Contudo, Carlos Antunes refere que o que passou em terras de Sua Majestado foi um aumento ligeiro, "pelo que deve estar a ocorrer essencialmente nas camadas mais jovens e por isso, menos vacinadas."

### **Mesmo que haja um aumento de casos, isso não se refletirá nos internamentos nem nas mortes?**

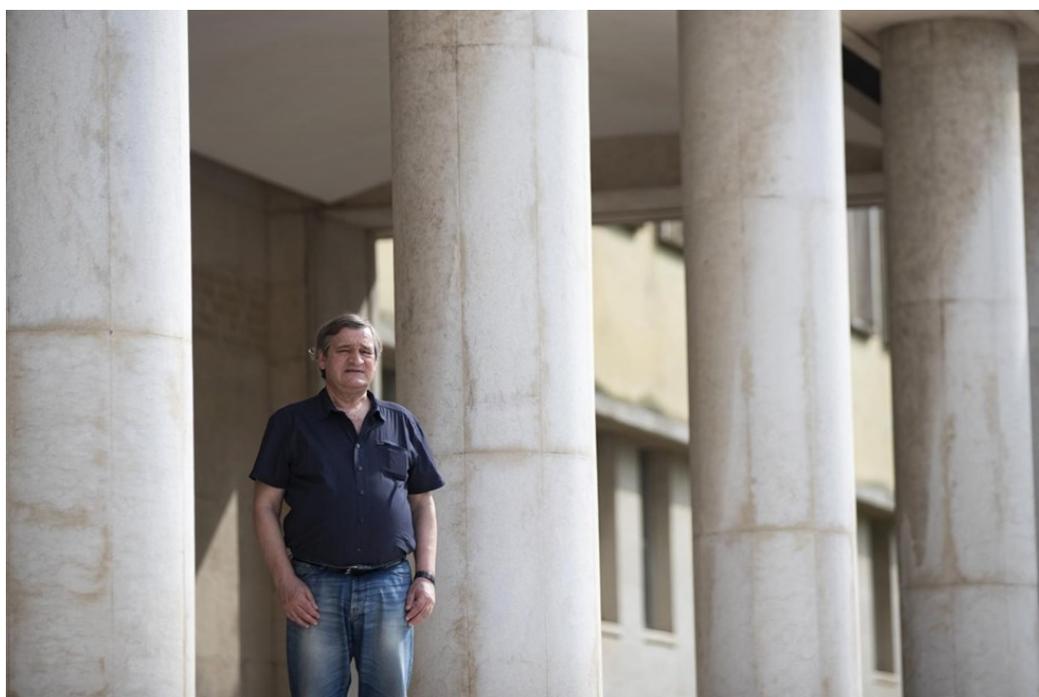
É neste ponto que podemos ver o impacto da vacinação. Caso tenhamos um aumento de casos, não é expectável que aconteça o mesmo no número de internamentos ou mortos. Ou pelo menos na dimensão que aconteceu no início do ano. Ainda assim, João Júlio Cerqueira é cauteloso ao afirmar que "é possível que se assista a algum aumento de hospitalizações e poderão mesmo surgir algumas mortes, como temos vindo a assistir nos Estados Unidos e no Brasil, por exemplo. Mas dada a cobertura vacinal, parece-me que estamos bem posicionados para evitar cenários desse género."

Carlos Antunes reforça que "mesmo que haja um ligeiro aumento de casos, pelo facto de termos aumentado e irmos ainda aumentar mais o número de contactos, em especial nestas faixas etárias mais jovens e menos vacinadas, a gravidade nos internamentos e o impacto nos óbitos poderão ser muito baixos ou irrelevantes. Isto, pelo facto de se estar a observar uma relativa proteção elevada da vacinação contra doença grave e morte."

Mas ainda é cedo para pensarmos que estamos livres da pandemia. Jaime Nina alerta que "o vírus não está controlado." Também o especialista Lúcio Meneses de Almeida, que preside ao conselho nacional de ecologia e promoção da saúde da Ordem dos Médicos, fala de um "otimismo cauteloso." O médico acredita que vivemos "uma situação que está razoavelmente controlada. No meu entender temos uma situação do ponto de vista epidemiológico de hiperendemicidade, ou seja, uma incidência alta mas que não é epidémica, temos casos constantes, que não conseguimos fazer descer. Mantemo-nos num

limiar alto, mas que já não é aquela curva epidémica, que tivemos na segunda ou terceira onda."

Por esse motivo, os especialistas reforçam que, apesar do cansaço generalizado com as medidas da pandemia, temos de ter muita cautela. O matemático Carlos Antunes fala mesmo em "prudência". Porquê? "Ainda termos uma carga viral circulante ainda elevada, não sabemos como poderá ser a entrada no outono dada que a efetividade vacinal contra a infeção pode ser relativamente baixa (entre 50 a 85%). Ou seja, apenas 15 a 50% das pessoas vacinadas estarão protegidas contra infeção não-grave. Considerando os restantes 15% não vacinados (menores de 11 anos), isto faz com que possamos ter entre 28% e 58% de pessoas suscetíveis à infeção, mesmo que assintomáticos."



Jaime Nina alerta que "o vírus não está controlado."

### **As medidas nas escolas – testes, distanciamento, máscaras – devem manter-se em vigor?**

Aqui não há dúvidas. Aliás, tal como a DGS anunciou as normas para o ano escolar são semelhantes ao ano letivo de 2020-21. Mas mesmo com vacinados devemos continuar a viver em bolhas nas escolas, a fazer testes e a usar máscaras? Henrique Oliveira não vê grande sentido em manter todas as medidas. "Tenho muitas dúvidas sobre essa possibilidade de testagem. A vacinação será sempre muito mais inteligente e menos incómoda. Foram vacinados milhões de indivíduos de todas as idades sem problemas maiores de segurança." E acrescenta que "num cenário de vacinação generalizada devem desaparecer as máscaras na aulas, mas deve continuar a haver algum arejamento, turmas em bolha ainda fará sentido. Num cenário de vacinação esparsa, teríamos de manter todos os cuidados, mais uma vez por causa do tempo de proteção que os mais têm em caso de

trem sido vacinados muito cedo. Os jovens não vacinados poderiam contagiar os idosos dos seus núcleos familiares e causar casos graves e mortes."

Já o médico, criador do projeto científico de caça aos mitos, Scimed, refere que as regras terão que continuar a ser aplicadas. "Agora, quando é que essas regras deixarão de existir é a grande questão. Infelizmente ainda não é possível responder a isso de uma forma contundente, dado que há muita informação que não está disponível, principalmente qual será o impacto da variante delta em toda esta equação. Este inverno será sem dúvida a prova de fogo para a capacidade da vacina frear a propagação do vírus e voltarmos a poder ter uma vida dentro da normalidade, removendo muitas das medidas implementadas para conter a propagação do vírus, incluindo na escola", conclui João Júlio Cerqueira.

Por outro lado, Carlos Antunes defende o uso da máscara, além da testagem. "No regresso à escola do início de aulas julgo que se deve fazer uma testagem massiva para apanhar o mais possível os casos assintomáticos, e assim, contribuir para o máximo de redução da incidência, e conseqüente redução da carga viral circulante. Salvo casos excepcionais, por exemplo de elevada transmissão comunitária, pode e deve haver um alívio e uma adequação dessas medidas de quarentena (turmas em bolha), mas mantendo ainda e impreterivelmente o uso de máscara e o distanciamento físico dentro do espaço escolar."

### **A vacinação já tem impacto nos números? É importante vacinar a partir dos 12 anos?**

Henrique Oliveira não tem dúvidas que vacinar quem está nas escolas, logo os jovens a partir dos 12 anos, é essencial. "Um dos principais focos de transmissão da pandemia residiu nas escolas com conseqüente transmissão aos agregados familiares", recorda o matemático.

Também Carlos Antunes refere que a influência da vacinação nestas faixas etárias se começa a notar entre um a um mês e meio após os primeiros vacinados com esquema vacinal completo. E afirma: "Acho que só a partir de início de outubro poderemos começar a notar algum efeito. Em particular uma redução em todas as regiões da taxa de incidência na faixa dos 10-19 anos. Essa influência deve-se ao facto de que apenas com os +12 anos se conseguiria atingir uma cobertura vacinal global de 85%, contribuindo para a minimização do impacto da parcial efetividade vacinal. Caso optássemos apenas por vacinar os +16 anos atingiríamos no máximo uma cobertura vacinal global de 80%, e isso poderia ser insuficiente para nos libertarmos de algumas medidas e podermos regressar à normalidade."

O infecciólogista Jaime Nina concorda com a importância da vacinação desta faixa etária e vai mais longe. "Um dos motivos pelos quais muitos países estão a vacinar mais rapidamente possível os jovens dos 12 e 17 anos, é a evidência de que as vacinas são eficazes e seguras. E existe uma pressão sobre as farmacêuticas para revelarem os resultados dos estudos sobre a eficácia das vacinas na faixa dos 6 meses aos 12 anos. É o

futuro vacinar os mais novos."



"As escolas são um reservatório do vírus", diz João Júlio Cerqueira

Qual a importância de os vacinar? João Júlio Cerqueira sublinha: "as crianças, apesar de apresentarem sintomas com menos frequência e raramente terem problemas associados à covid-19, em comparação com os adultos e idosos, são um reservatório importante do vírus. A vacinação das crianças vai permitir diminuir o número de cadeias de contágio e ajudar a criar imunidade de grupo, que beneficiará toda a população."

### **Em que ficamos: as escolas são apenas um reflexo de como o vírus está a circular na sociedade ou são transmissores do vírus?**

Muito se debateu no início de 2021 se as escolas eram locais em que o vírus se propagava ou se eram tão seguros que não seria necessário voltar ao ensino digital. Hoje em dia já não há dúvidas quanto à influência de um local fechado, como as escolas. Apesar de todas as medidas de segurança, o risco existe. Carlos Antunes reforça à **SÁBADO** que "com base no histórico da evolução da incidência ao longo da pandemia, eu diria que são ambas, um reflexo da transmissão na comunidade e um meio de transmissão do vírus. E é isso, que em situação extrema justificou o fecho de escolas para o controlo da incidência e a consequente redução dos internamentos e óbitos."

Lúcio Meneses de Almeida recorda que defendeu o encerramento das escolas como forma de controlar a pandemia, isto porque ainda não tínhamos uma cobertura vacinal. Mas concorda que as escolas são transmissores do vírus e que é essencial manter as medidas de saúde pública. "O arejamento dos espaços e a renovação do ar são medidas essenciais." João Júlio Cerqueira é peremptório: "as escolas são um reservatório do vírus."